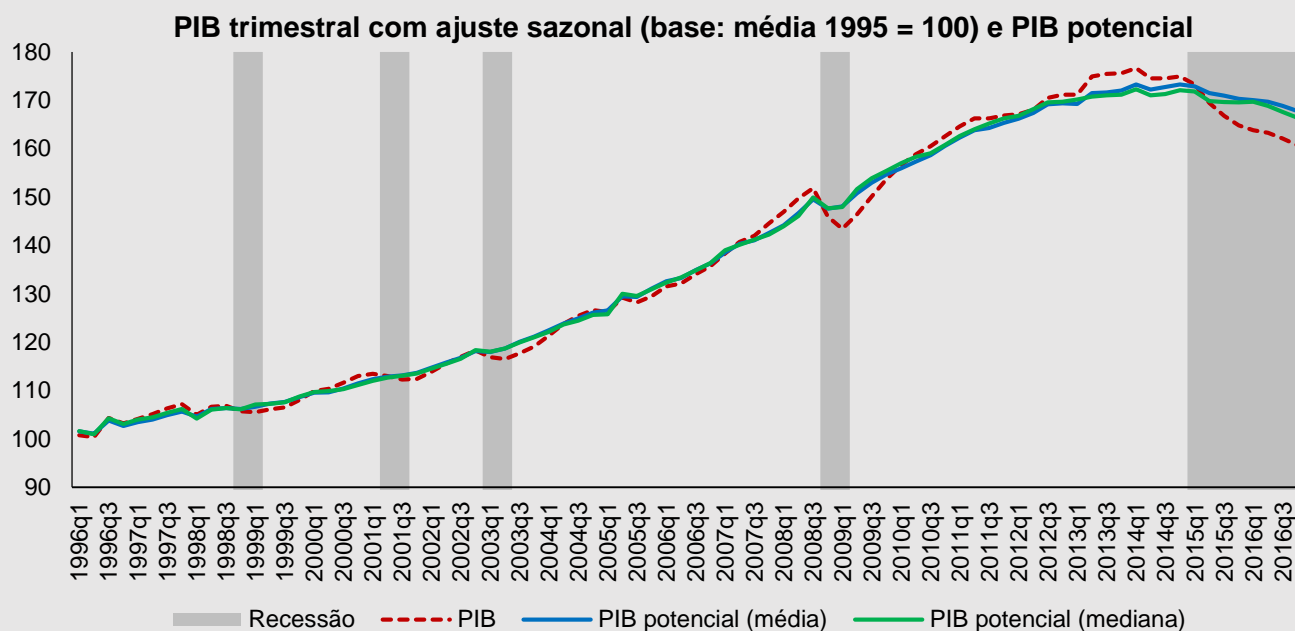


PIB brasileiro está muito abaixo do seu potencial



Em meio a um cenário político atribulado, de desequilíbrio fiscal dos entes federados e de perda de confiança dos agentes econômicos, a atual fase por qual passa a economia brasileira acumula uma queda do produto há 8 trimestres consecutivos, representando uma queda de 8,14%, levando-se em consideração a série com ajuste sazonal. Nesse sentido, 8 trimestres foram suficientes para tornar o PIB do 4º trimestre de 2016 menor do que o do 4º trimestre de 2010, ou seja, de 24 trimestres atrás.

No entanto, economistas e formuladores de políticas públicas estão frequentemente interessados em saber não apenas se o PIB está aumentando ou diminuindo, mas também se está operando acima ou abaixo do seu potencial. A definição formal de produto potencial pode ser originalmente creditada a Arthur Okun, em 1962. Okun acreditava que o produto potencial não era o potencial máximo incondicional do que a economia poderia produzir, mas que era resultado do pleno emprego, ou seja, o que para ele seria o nível de emprego que não causaria pressões inflacionárias, ou o nível da NAIRU, que pode ser definida como a taxa de desemprego consistente com uma inflação constante.

O produto potencial não é uma variável observável, e, portanto, deve ser estimada. Nos últimos 2 anos, nossas estimativas indicam uma queda de 3,15% do PIB potencial pela metodologia que utiliza a média, e uma contração de 3,34% pela metodologia que utiliza a mediana. É nesse contexto que – como é de se esperar em tempos de forte período recessivo – observamos um expressivo e negativo hiato entre o PIB e o produto potencial: -7,09% pela média e -5,64% pela mediana, o que significa dizer que o produto está muito abaixo do seu nível potencial, conforme podemos observar no gráfico. Ou seja, há uma grande capacidade disponível na economia devido à fraca demanda. Por outro lado, existe amplo espaço na capacidade instalada para uma retomada da economia sem o imediato crescimento potencial do seu produto.

Em um contexto de desaceleração natural da oferta de mão de obra condicionada pelo comportamento demográfico esperado para o Brasil nos próximos anos e décadas, o crescimento sustentado exigirá ganhos de produtividade a partir de uma melhora da eficiência da economia, e exigirá forte recuperação da capacidade de investir. Entretanto, o comportamento atual da taxa de poupança é um fator limitante, uma vez que esta vem caindo, fechando o ano de 2016 em 13,86% do PIB. Sendo assim, poupar mais e/ou se financiar com o resto do mundo são decisões a serem tomadas hoje que impactarão – para além de uma recuperação cíclica – a retomada sustentável do crescimento da economia.

Para ler a publicação completa, acesse o Observatório do Produto Potencial:

www.cafecomdados.com/produto-potencial